A SÍNDROME DO BURNOUT: PROFISSÃO PROFESSOR EM PERIGO

Cristianne Lopes[1] - crislopeslima@hotmail.com

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa, com professores no efetivo exercício da regência de aulas de ciências em escolas municipais da Secretaria de Educação - SEC-RECIFE – PE - Brasil. A pesquisa teve como objetivo identificar sintomas da síndrome do *burnout* e sua relação com o trabalho docente, que atua corroendo, aos poucos, o ânimo do educador, na fala dos professores de ciências do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas e questionários com os 24 (vinte e quatro) professores. Pôde-se constatar que os educadores apresentam sintomas diversos da síndrome do *burnout*, quando comparados com os dados da escala de Maslach, localizados em graus diferentes, nos três fatores: exaustão emocional; envolvimento pessoal e despersonalização, acrescidos do sentimento de desvalorização profissional. Pesquisa anterior (LOPES, 2004) realizada com professores surpreendeu a autora ao constatar o alto índice de resistência, desânimo, esgotamento, cansaço, irritação e pouco caso dos professores, em participarem do estudo. Isso a levou a tentar entender esses comportamentos através do viés da Psicologia Social que, por sua vez, abriu caminhos para estudos sobre a saúde mental do trabalhador e, conseqüentemente, sobre a "síndrome do burnout" sendo esta uma palavra inglesa para explicar o sentimento de desistência, desânimo, apatia e despersonalização, observado nos profissionais que lidam com pessoas,

[1] Pedagoga (FAFIRE). Especialista em Formação de Educadores (UFRPE). Mestre no Ensino das Ciências (UFRPE). Doutoranda de Educação pela Universidad de La Empresa (UDE), Montevideo - Uruguai. Doutoranda de Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFP1E) – Brasil. Pesquisadora/Professora do Departamento de Educação da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais do Cabo de Santo de Agostinho – FACHUCA. E do Município da Cidade do Recife (PCR).

(CODO, 2002). Os professores estão entre os profissionais situados na área de risco potencial para desenvolverem a síndrome, por seu envolvimento afetivo com os alunos e pelas precárias condições de trabalho a que estão submetidos. A pesquisa realizada nos leva a concluir que os professores apresentam os sintomas da síndrome de *burnout,* como constatados nas respostas obtidas ao questionário. Sendo assim, se faz necessário uma política educacional que atenda ao professor como um todo dando ênfase a sua saúde e bem estar. Foi verificado ainda que a pressão estressante sobre o sujeito-professor advém de várias situações, como valorização da profissão, cuidado com a sua formação, condições mínimas de trabalho, etc. Os professores sentem-se descontentes consigo mesmos e insatisfeitos com seus resultados, prejudicando conseqüentemente o fazer pedagógico. É, pois, necessário e urgente uma ação efetiva voltada para o cuidado com a saúde mental do professor que, complementada por ações políticas visando melhorias nas condições de ensino, possam, de fato, garantir as desejadas mudanças na prática pedagógica e, conseqüentemente, na qualidade de ensino.

Palavras-chave: Professores de Ciências. Burnout. Educação como profissão. Saúde Docente.

Introdução

Pesquisa anterior (LOPES *et al, 2003)* realizada com professores de ciências do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, surpreendeu as autoras ao constatarem o alto índice de resistência, desânimo, esgotamento, cansaço, irritação e pouco caso dos professores, em participarem do estudo. Isso as levou a tentar entender esses comportamentos através do viés da Psicologia Social que, por sua vez, abriu caminhos para estudos sobre a

saúde mental do trabalhador (CODO, 2002) e, conseqüentemente, sobre a "síndrome do *burnout*"[2].

Segundo Codo (2002) *burnout* é o sentimento de discrepância entre o que o trabalhador investe no trabalho e aquilo que ele recebe em termos de reconhecimento de superiores e colegas e, no caso dos orientadores educacionais, dos resultados observados no comportamento geral do aluno. Ainda não existe uma definição unânime para essa síndrome. O que existe é um consenso em considerar que aparece no indivíduo como uma resposta ao estresse. Algumas atividades do mundo moderno podem levar seus profissionais a uma situação de estresse que desencadeia sintomas semelhantes aos apresentados pelos portadores da "síndrome do *burnout*".

Do ponto de vista psicológico, o trabalho provoca diferentes graus de motivação e satisfação, principalmente, quanto à forma e ao meio no qual se desempenha a tarefa (KANAANE, 1994). À medida que o indivíduo se insere no âmbito institucional ou organizacional, fica sujeito a situações que afetam diretamente o seu trabalho. Atualmente, existe uma preocupação com a saúde do indivíduo nesse contexto, por se relacionar diretamente com a produtividade da empresa e, no caso de educadores, com a escola e com a qualidade do ensino de uma forma geral.

Do ponto de vista legal a síndrome de *burnout* toma corpo, no Brasil, com a republicação no Diário Oficial da União (D.O.U.), em 18 de junho de 1999, do Regulamento da Previdência Social (D.O.U., 1999) que sofreu alteração nos seus anexos. O anexo II, que trata dos agentes patogênicos causadores de doenças profissionais ou do trabalho, previstos no Art. 20 da Lei 8213/91, teve apensado o item XII ao texto da Lei, na parte específica que trata dos "transtornos mentais e de comportamento, relacionados com o trabalho".

Muitos autores afirmam que o relacionamento com outras pessoas no âmbito do trabalho é uma fonte de estresse. Em meados da década de 70

---

[2] *Burnout* é uma palavra inglesa para explicar o sentimento de desistência, desânimo, apatia e despersonalização, observado nos profissionais que lidam com pessoas. Os professores estão entre os profissionais situados na área de risco potencial para desenvolverem a síndrome, por seu envolvimento afetivo com os alunos e pelas precárias condições de trabalho a que estão submetidos.

surge o termo *burnout*, que no sentido literal significa "estar esgotado" ou "queimado", e que é característico de profissões de ajuda ou, como afirma o autor: "aqueles profissionais que trabalham principalmente em oferecer serviços humanos diretos e de grande importância para o usuário". (VIDAL, 1993, tradução nossa).

Segundo Skovholt (2001, *apud* FERENHOF, I.; FERENHOF, E. 2002), no início da década de 1970, Herbert Freudenberger, médico de uma representação comunitária da cidade de Nova Iorque, que focava seus estudos no abuso de drogas, constatou em uma pesquisa que os drogados eram freqüentemente chamados de *burnout*s que era a gíria utilizada naquela época. Ser chamado de *burnout* significava que a pessoa se ligava exclusivamente com as drogas. Como conseqüência de um lento processo de erosão da motivação e competência, a pessoa não era capaz de muita coisa. Por esta razão, tornava-se um *burnout*.

Cristine Maslach, professora universitária de Psicologia da Califórnia, considerada uma das líderes da pesquisa sobre a Síndrome do *burnout* no mundo, desenvolveu o Maslach *Burnout* Inventory - MBI que é um instrumento para determinar o grau de *burnout* nos indivíduos. Ela explicita sua definição: *burnout* é o índice do deslocamento entre o que as pessoas são e o que elas têm que fazer. Isto representa uma erosão em valores, dignidade, espírito e força de vontade: uma erosão da alma humana (MASLACH, *et a*l, 1997, *apud*, CODO, 2002).

Esta síndrome é entendida como um conceito multidimensional, que pode ser definido como "Síndrome da Desistência do Educador".

> Um homem, uma mulher, cansados, abatidos, sem mais vontade de ensinar, um professor que desistiu. [...] Será que este profissional não percebe a importância do seu trabalho na formação de nossos filhos? Não. Muitas vezes não percebe mesmo. Será que não é capaz de envolver-se, emocionar-se por seu

> trabalho? Não, muitas vezes não é capaz mesmo. (CODO, 2002, p. 237).

Segundo Maslach e Jackson (1981 *apud* CODO 2002, p. 238), na síndrome de *burnout*, "o trabalhador se envolve afetivamente com os seus clientes, se desgasta e, num extremo, desiste, não agüenta mais, entra em *burnout*".

A síndrome envolve três componentes (CODO, 1999; FERENHOF, I.; FERENHOF, E. 2002):

- Exaustão emocional - situação em que os professores sentem que, afetivamente, já não podem dar de si mesmos; percebem que a energia e os recursos emocionais próprios se esgotam, devido ao contato diário com os problemas no ambiente escolar. Quando esses sentimentos de impotência se tornam crônicos, os educadores julgam-se incapazes de uma doação integral aos alunos;

- Despersonalização - Ocorre quando os professores desenvolvem sentimentos e atitudes negativas em relação aos alunos. Entre as várias maneiras de os professores mostrarem indiferença e agirem negativamente em relação aos alunos estão expressões como: "eles não querem nada; são desatentos, preguiçosos, desinteressados...". Dessa forma, friamente distanciam-se do corpo discente, como se ficassem presos atrás de suas mesas, desarmonizando os estudantes com pressões psicológicas - *endurecimento afetivo, "coisificação" da relação".*

- Falta de envolvimento pessoal no trabalho - um sentimento de baixa realização pessoal no trabalho, que é particularmente crucial para os professores. A maioria dos educadores ingressa na profissão para ajudar os alunos na apropriação do conhecimento, levando-os ao crescimento intelectual e ao resgate da auto-estima. Por esse motivo,

quando percebem que não estão atingindo esses objetivos, ficam vulneráveis a sentimentos de profundo desapontamento e enfrentam a depressão psicológica.

Para o educador, é muito difícil desistir de sua dedicação ao ensino, abandoná-la, pois o trabalho educacional lhe propicia, ou deveria propiciar outras recompensas, que não as monetárias. Essa dificuldade gera a tendência de uma evolução negativa no trabalho (involução), afetando a habilidade profissional e a disposição de atender às necessidades dos estudantes. Além disso, o contato e o relacionamento com as pessoas usuárias do trabalho ficam prejudicados.

A profissão docente seu processo de oficio/trabalho e de gestão em educação transformou-se profundamente nas últimas décadas (OLIVEIRA, 2002), com claras repercussões nas condições de trabalho, na imagem social do professor e no valor que a sociedade atribui à própria educação. Estes aspectos podem ter repercussões importantes sobre a saúde física e mental dos educadores.

O movimento de globalização e reestruturação capitalista, segundo Esteves (1999), promoveu reformas educacionais, com mudanças significativas na estruturação e valorização
social da atividade docente. A conseqüência mais direta disto foi a geração de fontes do chamado mal-estar docente. O "mal-estar docente", expressão criada por Esteves, é considerado um relevante problema atual dos trabalhadores da educação, relacionando-se ao seu ambiente profissional: violência nas salas de aulas, esgotamento físico, deficiências nas condições de trabalho e escassez de recursos materiais. Este quadro promoveu o aumento da tensão no exercício do trabalho docente, uma vez que proporcionou aumento das responsabilidades sem que tenham sido oferecidos meios e condições laborais adequadas para o atendimento às essas novas demandas. Essas mudanças, portanto, favoreceu significativo desgaste biopsíquico do educador Cohen, (1997).

Numa tentativa de articulação compreensiva dos diversos fatores que contribuem para o estresse percebido na docência, ou, de uma forma mais

global, para o mal-estar docente dos professores, alguns autores (por exemplo, ESTEVE, 1999; FANFANI, 2005, 2006; MEDINA, 2006: SILVA, 2001) têm distinguido dois níveis de analise do problema, sendo um deles referente aos fatores organizacionais que afetam diretamente o professor na sua prática de ensino e o outro relativo a fatores mais genéricos, de natureza social.

Oliveira (2004) destaca que os professores têm ocupado o lugar central nos programas governamentais, como agentes responsáveis pela mudança nos contextos de reforma. Nesse sentido, a autora afirma que os professores:

> São em geral considerados os principais responsáveis pelo desempenho dos alunos. Diante desse quadro, os professores vêem-se, muitas vezes, constrangidos a tomarem para si a responsabilidade pelo êxito ou insucesso dos programas (p.132).

Além das questões relativas à responsabilização dos professores pelos resultados da educação, os docentes têm se deparado, na atualidade, com a ampliação das exigências das suas atividades profissionais e a falta de condições adequadas de trabalho. A falta de tais condições representa para a escola um dos inúmeros problemas que a mesma tem que enfrentar, ao se considerar que esta falta de condições vem provocando doenças nos professores, já que eles são a espinha dorsal desse processo, comprometendo, por sua vez, todo ensino e aprendizagem. Gomes (2002) chama a atenção para o estado em que se encontra o trabalho na escola devido ao aumento de adoecimento e afastamento desses profissionais por licença para tratamento de saúde.

O final do século XX foi marcado por profundas mudanças nas relações de trabalho e nas relações sociais e, sendo elas parte do desenvolvimento humano e social, é natural que se integrem à educação escolar, que não pode ficar alheia a esse processo de transformação. Por conseguinte, o professor, em sua prática, precisa estar atento às mudanças

para tomar posições sobre elas e atuar criticamente e criativamente, (LOPES, 2004).

Uma pesquisa realizada sobre a condição docente numa análise comparativa sobre os países da Argentina, Brasil, Perú e Uruguai pelo Argentino Fanfani (2005) "que é preciso recordar que a docência constitui um dos ofícios mais antigos da sociedade moderna. [...] que seria equivocado que essa categoria permanecesse idêntica ao longo do tempo. Tradução nossa. (p. 16). Ou seja, as exigência e mudanças são evidentes precisando de sua acomodação.

O autor coloca como destaque da pesquisa que:

> Sem negar a eficácia específica dos fatores estruturais, que envolva um sistema normativo adequado e sem recursos pertinentes e suficientes não se pode fazer, quando se trata de um sistema de prestação de serviços pessoal, como é o educativo, a qualidade do fator humano tem uma importância estratégica fundamental. (FANFANI, 2005, p. 280). Tradução nossa.

Com isso com todo o contexto existem condições objetivas e subjetivas que temos que levar em consideração para criar, renovar, e estruturar o ofício docente em função de um projeto social onde o direito a escola e ao conhecimento sejam algo prioritário entre as entidades responsáveis.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a educação deve garantir aprendizagens essenciais para a formação de indivíduos autônomos, críticos e participativos, que possam atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem, visando a atender suas necessidades individuais, sociais, políticas e econômicas (BRASIL, 1998).

A escola, objetivando contemplar tais exigências, deverá se preocupar com a formação de cidadãos críticos, capazes de criar

possibilidades e desejos, de interpretar e transformar a realidade atual, cujos valores são tradicionais e mantenedores de uma ordem social excludente e discriminatória. Segundo Freire (2002):

> [...] quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio. (p. 30).

Essas mudanças ou exigências atingem a educação sob vários aspectos, um deles diz respeito à formação do educador, que não pode ser analisada à margem dessa reordenação política e econômica e as exigências da sua atuação enquanto profissional.

Educar/formar nesta nova perspectiva é considerar os professores a partir de três eixos estratégicos: a pessoa do professor e sua experiência; a profissão e seus saberes, e a escola e seus projetos. (NÓVOA, 1992):

> A formação não se constrói por acumulação (de cursos de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência. (p. 38).

Portanto, é preciso respeitar os professores como pessoas, seres incompletos e eternos aprendizes, que a partir de uma formação contextualizada buscam transformar-se, entender o grupo no qual estão inseridos e ressignificar a sua prática pedagógica.

Corroborando com a temática Silva (2001) um autor Uruguaio onde também preocupado com a questão do mal estar docente em uma pesquisa com os professores de seu país coloca que o oficio docente por um lado, é uma profissão em plena crise, uma complexa etiologia que afeta o conjunto dos docentes, por outro, formas de trabalho afetam a saúde, a satisfação e o controle sobre seu oficio. *Tradução nossa*. (p.12).

Esta pesquisa objetivou investigar a presença dos sintomas do *burnout* e a relação com o seu ofício, em professores de Ciências do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, ampliando assim, o conhecimento sobre a temática que apesar de pouco explorada, é de grande importância para o desenvolvimento profissional dos docentes.

Metodologia

Esta pesquisa teve uma abordagem metodológica qualitativa que segundo Oliveira (2003):

> [...] pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento. (p.57).

Também retrata um estudo de caso que, segundo Bogdan e Bilklen (1994) envolve a observação detalhada de um contexto, ou de um indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico.

Algumas características associadas ao estudo de caso "naturalístico" são, segundo Lüdke; André (1986): visar à descoberta; enfatizar a "interpretação em contexto*";* retratar a realidade de forma completa e profunda; usar uma variedade de fontes de informação; revelar experiência vicária e permitir generalizações naturalísticas; representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; utilizar nos relatos uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

Em vista dessas várias características, pode-se indagar: em que o estudo de caso se distingue de outros tipos de pesquisa? A preocupação central ao desenvolver esse tipo de pesquisa é a compreensão de uma instância singular. Isso significa que o objeto estudado é tratado como

único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada. Desse modo, a questão sobre o caso ser ou não "típico", isto é, empiricamente representativo de uma população determinada, torna-se inadequada, já que cada caso é tratado como tendo um valor intrínseco.

Esta pesquisa foi realizada com 24 professores de Ciências do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, em atividade, no período compreendido entre agosto 2002 e julho de 2003 e tendo sido ampliada em 2007, com o objetivo de verificar a presença, ou não, da síndrome do *burnout* nesses professores. Foram utilizados questionários com perguntas fechadas e entrevistas semi-estruturadas. No entanto, o questionário, baseado na escala de *burnout* proposta por Maslach (1986, *apud* CODO, 2002). Os resultados das entrevistas foram agrupados seguindo o critério da motivação. As justificativas apresentadas foram agrupadas de acordo com os critérios de: a) exaustão emocional; b) envolvimento pessoal no trabalho c) despersonalização - utilizados por Maslach em pesquisas anteriores e, acrescidos pelo item d) desvalorização profissional, fortemente presente nos depoimentos dos professores.

Resultados e Discussão

As pessoas têm necessidades específicas em momentos específicos que são organizadas hierarquicamente, na seguinte ordem de importância: fisiológicas, de segurança, sociais, de auto-estima e de auto-realização. Segundo Maslow (2000) a motivação decorre de ações emitidas espontaneamente pelas pessoas, na intenção de suprir suas necessidades. Com relação aos catorze (24) professores pesquisados dezessete disseram não se sentir motivados para desenvolver seu trabalho; quatro disseram se sentir motivados; e três, que apenas algumas vezes se sentem motivados. É impressionante a constatação, na fala desses professores, do alto índice de desmotivação com a profissão.

Às vezes não tenho vontade, sequer, de ir trabalhar (P.1).

Com que estímulo? Faltam recursos mínimos como, por exemplo, bancas e cadeiras...(P. 3).
Os meninos não querem nada (P. 4).
Tenho sentido um certo desânimo em ir trabalhar, é uma profissão muito árdua. Não somos reconhecidos na sociedade (P. 12).

Todas as justificativas apresentadas pelos professores para o alto índice de desmotivação, enquadram-se no fator de desvalorização profissional, podendo ser reforçado por Nóvoa (1995, p. 29) quando relata que as questões sociais e econômicas dos professores "se encontram num estado de grande degradação", e isso é confirmando nos depoimentos dos professores abaixo:

Ganhamos muito pouco, já dou até demais... (P.14).
Não posso trabalhar bem pensando em casa. (P.10).
Não tenho como planejar bem. Em que tempo? (P. 9).
É uma correria só, trabalho em várias escolas (P. 1).
Gosto muito de ser professor, mas corro muito em muitas escolas eu; só não, meus colegas também (P. 4).

Um outro aspecto que parece ter influenciado fortemente o sentimento de desvalorização profissional dos professores é o fato de não se sentirem ouvidos. Por exemplo, Lopes *et al* (2003) no seu estudo sobre o programa de formação continuada oferecido pela prefeitura, encontrou que 78% dos professores, embora tenham sugerido temas para as capacitações, não se sentiram ouvidos nem atendidos.

As pessoas responsáveis, como os técnicos e coordenadores do programa, tinham que nos ouvir mais (P. 12).
Eles, do corpo técnico, "fazem de conta" que nos ouvem (P. 10).

Os resultados dos questionários dos professores, agrupados de acordo com os fatores constantes da escala do *burnout* proposta por Maslach (1986).

Um percentual de mais de 50% sinalizou sintomas de exaustão emocional, confirmando os dados obtidos por Codo (2002): "temos quase a metade dos educadores atingidos por algum dos fatores de *burnout*, percentual preocupante sob qualquer aspecto"(p. 279).

É extremamente significativo a constatação de que os professores se sentem esgotados ao final de um dia de trabalho (vinte); como se estivessem no seu limite (dezenove); frustrados com o trabalho (vinte) e desanimados com o fato de ter que encarar outro dia de trabalho (dezoito).

Quanto ao fator de envolvimento pessoal foi constatado que apenas sete dos professores se sente com energia para sua atividade profissional. Isso reflete uma preocupação, pois como o professor pode exercer sua docência, motivando, estimulando e dando exemplos, se ele próprio não se sente estimulado?

Com relação ao fator de despersonalização, dezessete professores não responderam ao item que diz: "*Eu sinto que os clientes(alunos) me culpam por alguns dos seus problemas*. Isso reflete um aspecto preocupante pois sugere a falta de sintonia na relação professor-aluno. Ao omitirem esta resposta os professores enfatizaram o distanciamento e a incapacidade de refletir sobre seu próprio trabalho. Mas grave ainda é a afirmação de (dezenove) professores que tratam os alunos como se fossem objetos (dezenove); não se importando com eles (vinte); que vêm se tornando mais insensíveis na relação com alunos desde que começou este trabalho (vinte) e que o trabalho o está endurecendo emocionalmente (dezenove). Essas constatações são estarrecedoras, pois denuncia o distanciamento na relação professor-aluno, fator este que é essencial para uma prática pedagógica conseqüente.

Para Codo *et al* (1993), a organização do trabalho exerce, sobre o homem, uma ação específica, cujo impacto é no aparelho psíquico. Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque

entre uma história individual, portadora de projetos, de esperança e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora. Esse sofrimento, de natureza mental, começa quando o homem, no trabalho, já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa no sentido de torná-la mais confortante conforme suas necessidades fisiológicas e seus desejos psicológicos, isto é, quando a relação homem-trabalho é bloqueada.

Conclusões

Esse artigo procurou contemplar diferentes dimensões do processo da saúde docente em sua limítrofe ligação com o objeto do seu oficio que nos propusemos investigar, sem a pretensão de nortear ou estar ligada as ações políticas vigentes não estando subordinada a nenhum programa específico e sim o propósito dessa investigação originou-se de uma iniciativa particular da pesquisadora há quem hora escreve.

As informações encontradas na pesquisa a cerca das múltiplas dimensões objetivas e subjetivas do oficio ou melhor do coletivo docente, vem com a intenção de colaborar a quem interesse sobre o contexto social e institucional da saúde e do trabalho docente.

A pesquisa realizada nos leva a concluir que os professores apresentam os sintomas da síndrome de burnout, como constatados nas respostas obtidas ao questionário. Sendo assim, se faz necessário uma política educacional que atenda ao professor como um todo dando ênfase a sua saúde e bem estar.

A falta de realizações profissionais importantes, enfatizada por vinte dentre os vinte e quatro respondentes, tende a levar esses profissionais a se avaliarem negativamente, o que afeta de forma especial a habilidade na realização do trabalho e na relação com os alunos.

Foi verificado ainda que a pressão estressante sobre o sujeito-professor advém de várias situações, como valorização da profissão, cuidado com a sua formação, condições mínimas de trabalho, etc. Os

professores sentem-se descontentes consigo mesmos e insatisfeitos com seus resultados, prejudicando conseqüentemente o fazer pedagógico.

É, pois, necessário e urgente uma ação efetiva voltada para o cuidado com a saúde do professor que, complementada por ações políticas visando melhorias nas condições de ensino, possam, de fato, garantir as desejadas mudanças na prática pedagógica e, conseqüentemente, na qualidade de ensino.

Observou-se terem, os docentes objeto da pesquisa, a consciência de que suas reais condições de trabalho aos quais encontram na sua maioria, não são apropriadas e relacionam à situação dessa gravidade que vem assolando os profissionais serem fator determinante comprometendo sua saúde.

Referências Biblioográficas

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**: *burnout*, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis, RJ: Vozes/ Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

CODO, W.; SAMPAIO, J.; HITOMI, A. **Sofrimento psíquico nas organizações**: saúde mental e trabalho. Petrópolis: Vozes,1993.

COHEN J. A. **Nuevas relaciones laborales y salud de los trabajadores en Argentina.**

Desafios y perspectivas para la investigacion. Cadernos de Saúde Pública 1997.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. São

Paulo: Editora EDUSC; 1999.

FANFANI, E. T. **La educacion docente:** análise comparada de La Argentina, Brasil, Perú e Uruguay. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentinos, 2005.

_____. (Comp.). **El oficio de docente**: vocación, trabajo y profession em el siglo XXI. Buenos Aires: Editores Argentina, 2006.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

GOMES, L. **Trabalho multifacetado de professores/as**: a saúde entre limites. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 2002, 123 f.

KANAANA, R. **Comportamento humano nas organizações**: o homem rumo ao Século XXI. São Paulo: Atlas, 1994.

LOPES, C. **Representações de professores de ciências sobre formação continuada:** o caso do encontro pedagógico mensal da prefeitura da cidade do Recife. Dissertação de Mestrado no Ensino das Ciências. Universidade Federal Rural de Pernambuco: Imprensa Universitária, 2004.

LOPES, C.; NOVAES, R. M. B.; JÓFILI, Z. M. S. Representações sociais sobre formação continuada. In: **Anais do IV Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRPE**. Recife: Imprensa Universitária, dez, 2003.

LÜCKDE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASLOW, A. H. **Maslow no gerenciamento**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

NÓVOA, A (Org.) **Profissão professor**. Porto: Editora Porto,1995.

OLIVEIRA, D. A. **Mudanças na organização e na gestão do trabalho na escola**. In: OLIVEIRA. D. A, (Org.). 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **A reestruturação do trabalho docente:** precarização e flexibilidade. Educação e Sociedade, São Paulo, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses.** Recife: Bagaço, 2003.

VIDAL, J. B. **Estrés y psicopatología**. Madrid: Pirâmide, 1993.

SILVA, J. R. **El malestar docente**: hacia La reconstrucción de la fe perdida. Uruguai: Doble Clic, 2001.

SKOVHOLT, T. A prevenção do burnout. In: FERENHOF, I.; FERENHOF, E. **Burnout em professores**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2002.